



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO**

CECÍLIA NASCIMENTO DA SILVA

VIVA OSBA!
UM OLHAR SOBRE O PROTAGONISMO DA ORQUESTRA A PARTIR DA
MEDIÇÃO CULTURAL E DA INFORMAÇÃO MUSICAL NO
CINECONCERTO

Salvador
2021

CECÍLIA NASCIMENTO DA SILVA

VIVA OSBA!

**UM OLHAR SOBRE O PROTAGONISMO DA ORQUESTRA A PARTIR DA
MEDIAÇÃO CULTURAL E DA INFORMAÇÃO MUSICAL NO
CINECONCERTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Biblioteconomia e Documentação, do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharela em Biblioteconomia e Documentação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Claudia Medeiros de Sousa.

Salvador
2021

CECÍLIA NASCIMENTO DA SILVA

VIVA OSBA!

**UM OLHAR SOBRE O PROTAGONISMO DA ORQUESTRA A PARTIR DA
MEDIÇÃO CULTURAL E DA INFORMAÇÃO MUSICAL NO
CINECONCERTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Biblioteconomia e Documentação, do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharela em Biblioteconomia e Documentação.

Aprovada em: 04 de junho de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Ana Claudia Medeiros de Sousa

Profª. Dra. Ana Cláudia Medeiros de Sousa
Orientadora

[Assinatura]

Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior
Examinador

Raquel do Rosário Santos

Profª. Dra. Raquel do Rosário Santos
Examinadora

*Para todas as pessoas que acreditam na
transformação social por meio da Arte.*

AGRADECIMENTOS

Uau! Nem acredito que estou escrevendo essa página! Realizar essa pesquisa foi um sonho que por várias vezes pensei em desistir, mas entre a dificuldade de encontrar referências na área que se assemelhassem com a minha ideia e de escutar comentários como “Isso não tem nada a ver com Biblioteconomia”, eu tive a grande sorte de ter ao meu lado pessoas que me ouviram, apoiaram e acreditaram nessa pesquisa quando ela ainda era uma ideia abstrata na minha cabeça. Por isso, acho importante registrar os meus agradecimentos a esses ser humaninhos de luz, pois se cheguei até aqui, é porque não estive sozinha.

Mainha e painho, obrigada por todo amor, por todo suporte e por sempre falarem que minha única herança seria a educação. Negra e periférica, contrariei algumas estatísticas e saí da escola pública para uma universidade federal, acho que estou me tornando aquele alguém na vida que vocês tanto me incentivaram a ser, estão vendo? Estudo por mim e por vocês, minha herança é compartilhada.

Anie e Douglas, obrigada por serem os “Do ensino médio pra vida”; Dri, Alex (*in memoriam*), Marcele e Ronald, obrigada por serem os “Folders atraentes e moda SENAI”; Maikon, obrigada por ser o “Menino que mexe no computador”. Juntos formamos o grupo que só se encontra em shows gratuitos e foram vocês os responsáveis por me lembrarem várias vezes que existia uma vida fora da UFBA.

Lane, Tati, Rose, Dai, Jade e Lucas, também conhecidos como “Tietes da OSBA”, obrigada pela paciência de me ouvirem falar da Orquestra quase duas vezes por semana (ou mais). Agradeço também por todos os rolês, viagens, memes e debates que já tivemos, aprendo e me divirto muito com vocês. Larissa, Everton e Hilário, a “Trindade Intelectual Preta”, obrigada pelas conversas profundas que ampliam minha visão de mundo. Pamela, Alan, Meninas do K-pop e tantos outros colegas que estudei e conheci nos últimos cinco anos, obrigada pelas conversas aleatórias e almoços no pátio. Dal, Caroline, Marlene, Lari, Gabriel, Jess, Débora, Gui e toda população dos Encontros Estudantis, obrigada pelos dias cientificamente extrovertidos e pelas altas menções nas redes sociais.

Prof^a. Nídia e prof. Raymundo, obrigada por terem sido os primeiros professores a olharem para o meu anteprojeto com carinho e julgá-lo positivamente, vocês foram fundamentais para a renovação da minha esperança em minha pesquisa. Prof^a. Ana, gratidão por ter sido a orientadora que todo estudante meio perdido gostaria de ter. Obrigada por confiar em mim, por respeitar o meu processo e forma de escrita, por ouvir toda a minha

problematização com o curso, por me levar a João Pessoa e por me fazer enxergar de que sou capaz de seguir uma carreira acadêmica se eu quiser. Aos demais professores do Instituto de Ciência da Informação (ICI), obrigada por compartilharem seus conhecimentos e experiências. Aos demais servidores do Instituto, obrigada por fazerem tudo funcionar, especialmente Seu Rodrigues, que sempre me oferecia um copo de café (melhor café!).

À equipe EDUFBA, obrigada por me apresentarem o significado de profissionalismo, especialmente minha ex-chefe Sandra, que me ensinou a não ter medo da ABNT. A equipe SEC, meu agradecimento especial para Drica e Aécio, parceiros de almoço e de discussões filosóficas que as vezes eram sérias e as vezes não, e Rita que me encheu de livros sobre educação musical. A equipe do Centro Técnico do Teatro Castro Alves, obrigada pelo espaço de liberdade criativa e acolhimento que só em lembrar aquece meu coração. Liu, Nei, Larissa, Lene, Sara e Thiago, obrigada por tudo! Vocês são inspiradores!

Já que cheguei no TCA, não posso deixar de agradecer a Equipe da OSBA! Acompanho o trabalho dessa maravilhosa equipe desde 2015 e nem preciso dizer que sou fã. Especialmente das meninas Tainana e Fabiana, as duas gestoras culturais mais incríveis que conheço. Obrigada também aos maravilhosos musicistas que compõem a Sinfônica da Bahia, vocês me encantam a cada concerto e são os melhores “objeto de pesquisa” que alguém poderia ter. E por último, mas não menos importante, obrigada, Carlos! Que, apesar de ser tratado aqui na formalidade de “o maestro Carlos Prazeres”, tornou-se um amigo querido e é uma das pessoas que eu colocaria num potinho de tão especial que é pra mim. Essa pesquisa não existiria se você não tivesse deixado de almoçar para me dar a entrevista, Carlos, obrigada!

Não sigo nenhuma religião, mas acredito que só pode ser coisa dos Deuses conhecer tantas pessoas maravilhosas e sou profundamente grata por essas conexões que aconteceram na minha vida. Para não ofender e não gerar confusão entre as milhares de possibilidades de Entidades Criadoras, deixo aqui meus agradecimentos ao Universo e a todos os Deuses e Deusas que me guiam.

Prof. Oswaldo e Prof^a. Raquel, obrigada por aceitarem ser os primeiros leitores desse estudo e pelas valiosas contribuições apresentadas.

E obrigada você também, leitor ou leitora desconhecido/a, que por algum motivo chegou e leu até aqui. Espero que essa pesquisa te inspire, te gere ideais, te esclareça alguma dúvida ou gere novas dúvidas, enfim, independentemente do seu interesse, torço para contribuir de alguma forma com o seu conhecimento, assim como todas as pessoas citadas anteriormente, contribuíram para o meu.

No mais, boa leitura!

SILVA, Cecília Nascimento da. VIVA OSBA!: um olhar sobre o protagonismo da orquestra a partir da mediação cultural e da informação musical no Cineconcerto. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, 2021.

RESUMO

A música é uma prática social considerada nesta pesquisa como uma relevante fonte de informação, que pode auxiliar na formação cognitiva, cultural e profissional dos sujeitos. Além disso, a música também pode ser um importante recurso no processo de criação de estratégias e democratização do acesso à cultura. Neste contexto, este estudo teve como objetivos identificar e analisar as estratégias utilizadas pelo maestro Carlos Prazeres, no espetáculo Cineconcerto da Orquestra Sinfônica da Bahia (OSBA), para realizar o processo de mediação cultural e contribuir para a disseminação da informação musical durante o espetáculo. Busquei ainda, identificar a relevância da atuação do/a bibliotecário/a na intensificação do processo de acesso e apropriação da informação realizada pelo maestro. Os referenciais teórico e empírico estão baseados nos aspectos conceituais de mediação cultural, de mediação da informação, de práticas orquestrais e de regência. Quanto à metodologia, a pesquisa se caracteriza como descritiva, tendo como método o estudo de caso, sendo o sujeito de investigação a OSBA. Para o processo de coleta de dados foram adotadas as seguintes técnicas: entrevista com o maestro Carlos Prazeres; aplicação de questionário com o público do Cineconcerto e observação direta da relação entre o maestro e o público. A partir da análise dos dados coletados, constatei que a regência do maestro Carlos Prazeres no Cineconcerto se configura como uma ação consciente de mediação cultural que favorece o acesso à informação musical e possibilita a apropriação da informação e dos bens culturais por parte do público. Os dados também evidenciaram que a interferência do maestro tem contribuído para despertar o gosto do público pela música clássica e os aproximar da Orquestra. Por fim, concluo que a área cultural é um ambiente propício para atuação do/a bibliotecário/a enquanto mediador cultural e da informação que contribui para potencializar as ações desenvolvidas pelos demais agentes culturais.

Palavras-chave: Mediação cultural; Mediação da informação; Música; Orquestra Sinfônica da Bahia; Cineconcerto.

SILVA, Cecília Nascimento da. VIVA OSBA!: a point of view about the protagonism of the Orchestra from cultural and musical information mediation in Cineconcerto. 2021. Conclusion work (Baccalaureate in Biblioteconomy and Documentation) – Information's Science Institute, Federal University of Bahia, 2021.

ABSTRACT

Music is a social practice approached in this reserach as an important informational source that may be of help to cognitive, cultural and professional formation of subjects. Furthermore, music can also be an important resource in processes of strategies creation and democratization of cultural access. In this context, this study's objectives are to identify and to analyze the strategies used by maestro Carlos Prazeres, in the spectacle Cineconcerto of Symphonic Orchestra of Bahia (OSBA), to realize the process of cultural mediation and to contribute for the spread of musical information during the spectacle. It is also part of this research to identify the relevance of the librarian in the intensification of the process of accessing and apropriating of information realized by the maestro. Theoretical and empirical referential are based on conceptual aspects of cultural mediation, informational mediation and practice of orchestra and regency. In matters of methodology, this research is characterized as explanatory, using case study as method, and having the OSBA as subject of investigation. For the data collection, this research used the following techniques: intervie with maestro Carlos Prazeres; application of a questionnaire with Cineconcerto's audience and direct observation of the relationship between the maestro and the audience. I observed, through the analysis of collected data, that Carlos Prazeres' regency in the spectacle Cineconcerto is a conscient action of cultural mediation that boosts the access to musical information and allows the apropriation of the information and the cultural goods by the audience. The data also highlighted that the maestro's interference contributes for a bloom of the audience's taste for classical music and to make them feel closer of the Orchestra. Finally, I come to the conclusion that the cultural area is an environment favorable for the librarian's action as a cultural mediator and of the information that contributes to potencialize the developed actions by many cultural agents.

Keywords: Cultural mediation; Informational mediation; Music; Symphonic Orchestra of Bahia; Cineconcerto.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
2.1 MEDIAÇÃO CULTURAL	15
2.2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO	18
2.3 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DE ORQUESTRA E REGÊNCIA	22
3 METODOLOGIA	25
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	26
3.2 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	26
3.3 CAMPO, UNIVERSO E AMOSTRA DA PESQUISA	27
4 O MAESTRO, O CINECONCERTO E O/A BIBLIOTECÁRIO/A	29
4.1 A MEDIAÇÃO CULTURAL NA REGÊNCIA DE CARLOS PRAZERES E OS RECURSOS INFORMACIONAIS UTILIZADOS	30
4.2 A PERCEPÇÃO DO PÚBLICO SOBRE AS AÇÕES REALIZADAS PELO MAESTRO NO CINECONCERTO	35
4.3 POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO/A BIBLIOTECÁRIO/A NO PROCESSO DE PROMOÇÃO E AMPLIAÇÃO DAS AÇÕES REALIZADAS PELO MAESTRO CARLOS PRAZERES	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE A – Questionário	48
ANEXO A – Galeria Cineconcerto	50

Capítulo 1
INTRODUÇÃO

Na teoria, a Biblioteconomia é uma área multi e interdisciplinar que estuda diversos métodos para coletar, classificar, organizar, disseminar e preservar a informação em diversos ambientes e áreas do conhecimento. Durante a formação acadêmica, somos ensinadas/os a tratar a informação em diferentes suportes com o objetivo de torná-la recuperável e acessível para qualquer pessoa. Normalmente, esses suportes são os recursos informacionais tradicionais, tais como livros, revistas, anais, jornais etc. Ou seja, documentos que são considerados artefatos essenciais em um ambiente de trabalho, também tradicional, que é a biblioteca.

Porém, dado a ampliação desse fenômeno que é a informação, cada vez mais faz-se necessário o desenvolvimento de pesquisas na área da Biblioteconomia que busquem estudar e aplicar seus conhecimentos para além do espaço da biblioteca, como por exemplo, editoras, escritórios, indústrias, entre tantos outros ambientes que o/a bibliotecário/a pode atuar, a citar uma orquestra sinfônica, que é o campo de interesse desta pesquisa.

Nesta conjuntura, esta pesquisa tem como objeto de estudo a Orquestra Sinfônica da Bahia (OSBA), com o foco centrado no espetáculo mais popular entre suas atrações, intitulado Cineconcerto. Os panfletos, os *posts* nas redes sociais, os cartazes, as notas em revistas e jornais são documentos que compõem o acervo da Orquestra e podem ser tratados por um/a bibliotecário/a. Entretanto, o foco desta pesquisa se refere à mediação da cultura e da informação musical no referido espetáculo da OSBA. Você pode estar se perguntando: como um espetáculo pode ser um objeto de estudo na Biblioteconomia? Ou: de que forma um concerto dialoga com a Biblioteconomia?

Para responder a essas questões, é preciso desconstruir a ideia de que a informação só está presente em documentos físicos. Analisar um evento por outro ângulo é uma forma de ampliar os debates e compreender que nele também pode ocorrer a mediação cultural e da informação. Com isso, aponto que a multi e a interdisciplinaridade da Biblioteconomia não podem existir apenas na teoria e foi a partir dessas inquietações acadêmicas, paralelas ao meu novo hábito de acompanhar as apresentações da OSBA, que o interesse de pesquisar as informações mediadas nos concertos se consolidou.

A OSBA é uma companhia estadual que integra os corpos artísticos do Teatro Castro Alves (TCA), foi criada em 30 de setembro de 1982, e apesar de ser uma orquestra jovem, sua história acumula concertos com notáveis artistas nacionais e internacionais. Desde 2011, a curadoria artística e a regência estão por conta do maestro Carlos Prazeres e a partir de então, a OSBA vem redefinindo o seu papel na sociedade baiana com programações que dialoga com a cultura local e aproxima cada vez mais o público da música clássica (TCA, [2019]).

Como dito anteriormente, essa pesquisa tem como foco central o Cineconcerto e o motivo para escolher essa apresentação se dá por sua maior popularidade entre as diversas atividades realizadas pela Orquestra. Como o próprio nome já revela, o Cineconcerto é um espetáculo que relaciona o cinema com a música sinfônica, este projeto surgiu em 2013 e o seu grande diferencial são os músicos, as musicistas e o próprio maestro, estarem fantasiados com personagens de filmes. Além de um repertório constituído pelas clássicas e contemporâneas obras cinematográficas como: *2001: uma odisseia no espaço*, *ET*, *Star Wars* e *Harry Potter*, entre outros, em algumas edições do Cineconcerto são apresentadas encenações de trechos de filmes, performances de dança e participações especiais de cantores/as. É um concerto que enche os ouvidos e os olhos, e a interação com o público vai desde o coro de palmas e voz acompanhando determinada música, até a preparação de alguns espectadores de também irem fantasiados ao espetáculo.

Presenciei algumas dessas mágicas apresentações e nas minhas primeiras buscas mesclando música e Biblioteconomia, recuperei estudos voltados para os processos inerentes à organização dos recursos informacionais da música, tais como: a catalogação de partituras, os sistemas de recuperação da informação musical e os desafios de um acervo musical. Não deixam de ser assuntos importantes, mas a manifestação cultural da música, em suas dimensões tangíveis e intangíveis, a informação que ela transmite e sua presença quase diária em nosso cotidiano, também merece ser debatidas por nós da área da Biblioteconomia e os estudos referentes a essas questões são quase inexistentes.

A partir dessas observações, surgiram as seguintes perguntas norteadoras: o maestro Carlos Prazeres é um agente mediador da cultura e da informação musical de maneira que desperta no público o gosto e prazer pela música? E ainda, nesse contexto, de que maneira o/a bibliotecário/a pode contribuir para o processo de acesso e apropriação da informação realizada pelo maestro?

Para tanto, esta pesquisa, à luz da concepção teórica da mediação da cultura e da informação, tem como objetivo geral identificar e analisar as estratégias utilizadas pelo maestro Carlos Prazeres para realizar o processo de mediação cultural e contribuir para a disseminação da informação musical no Cineconcerto.

Para alcançar o objetivo geral, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

- a) Caracterizar a mediação cultural que ocorre na regência de Carlos Prazeres no Cineconcerto da OSBA;

- b) Identificar os recursos informacionais utilizados pelo maestro Carlos Prazeres para realizar a mediação cultural e aproximar o público da Orquestra;
- c) Verificar, a partir da percepção do público, se as ações de mediação da cultura e o processo de disseminação da informação musical realizados por Carlos Prazeres têm contribuído para ampliar o conhecimento deles e despertar o gosto e o prazer pela música clássica;
- d) Identificar as possibilidades de atuação da/o bibliotecária/o no processo de promoção e ampliação dessas ações realizadas pelo maestro Carlos Prazeres.

Considerando os objetivos, esta pesquisa caracteriza-se como descritiva, tendo como método adotado o estudo de caso e os instrumentos utilizados para realizar a coleta de dados foram: entrevista realizada com o maestro Carlos Prazeres; aplicação de questionário com os espectadores do Cineconcerto; análise de publicações em redes sociais; e observação direta.

Para apresentar os resultados desta pesquisa, este trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo está a introdução, na qual apresento o motivo deste estudo, o objeto de pesquisa, o problema e os objetivos.

O segundo capítulo é dedicado ao aporte teórico, nele destaco o conceito de mediação cultural, apresento o conceito de mediação da informação no âmbito da Biblioteconomia, características, relevância, o papel do mediador e, dado o contexto do meu objeto de pesquisa, os aspectos históricos e conceituais de orquestra sinfônica e regência. O terceiro capítulo é dedicado ao detalhamento da metodologia. No quarto capítulo apresento e faço a análise dos dados obtidos. As considerações finais são apresentadas no quinto capítulo e por fim, temos as referências, o apêndice e o anexo.

Capítulo 2
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O desenvolvimento de uma pesquisa requer a adoção de aspectos conceituais relacionados ao tema de estudo para consolidar e analisar o objeto investigado. Nesse sentido, este capítulo apresenta temáticas relevantes para a pesquisa em tela, são elas: mediação cultural, mediação da informação, e ainda, alguns aspectos históricos e conceituais de orquestra sinfônica e de regência.

2.1 MEDIAÇÃO CULTURAL

Para tratar sobre mediação cultural, iniciarei apresentando alguns aspectos do conceito de cultura. Considerado o pai do conceito moderno de cultura, o antropólogo britânico Edward Tylor (1967 apud MELLO, 1982, p. 40), diz que cultura é um “[...] conjunto complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Luiz Gonzaga de Mello (1982, p. 41) irá acrescentar que cultura não só é adquirida, como também é “[...] transformada, mudada e acrescentada pela inovação ou descoberta”.

Em 1981, Roberto DaMatta publicou um artigo intitulado “Você tem cultura?” e nele o autor reflete sobre os dois sentidos mais comuns desta palavra. No primeiro sentido, cultura é relacionada ao nível educacional de uma pessoa, ou seja, quando ouvimos ou comentamos algo como “*Fulano não tem cultura*” ou “*Beltrano é uma pessoa muito culta*”, normalmente estamos julgando a capacidade de compreensão e comportamento daquela pessoa em algum assunto ou situação. Nesse contexto, cultura

[...] é equivalente a volumes de leituras, a controle de informações, a títulos universitários e chega até mesmo a ser confundido com inteligência, como se a habilidade de realizar certas operações mentais e lógicas (que definem de fato a inteligência), fosse algo a ser medido ou arbitrado pelo número de livros que uma pessoa leu, as línguas que pode falar, ou aos quadros e pintores que pode, de memória, enumerar (DAMATTA, 1981, p. [1]).

Nesse sentido, a palavra “cultura” é empregada para hierarquizar as pessoas, sendo classificadas como superiores e inferiores, ou seja, com esse entendimento da palavra cultura, se institui uma “[...] arma discriminatória contra algum sexo, idade (‘as gerações mais novas são incultas’), etnia (‘os pretos não tem cultura’) ou mesmo sociedades inteiras, quando se diz que ‘os franceses são cultos e civilizados’ em oposição aos americanos que são ‘ignorantes e grosseiros’” (DAMATTA, 1981, p. [1]).

No segundo sentido, a palavra cultura recebe o conceito de interpretação da vida social e DaMatta (1981, p. [2]), explica que

[...] ‘cultura’ não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de ‘civilização’, mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. É justamente porque compartilham de parcelas importantes deste código (a cultura) que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas, transformam-se num grupo e podem viver juntos sentindo-se parte de uma mesma totalidade. Podem, assim, desenvolver relações entre si porque a cultura lhes forneceu normas que dizem respeito aos modos, mais (ou menos) apropriados de comportamento diante de certas situações.

Neste sentido, cultura é o conjunto de todas as regras existentes que nos dizem como o mundo funciona e como ele é classificado. Ainda de acordo com DaMatta (1981, p. [4]), a cultura como conceito nos

[...] permite uma perspectiva mais consciente de nós mesmos, porque diz que não há homens sem cultura e permite comparar culturas e configurações culturais como entidades iguais, deixando de estabelecer hierarquias em que inevitavelmente existiriam sociedades superiores e inferiores.

Apesar desta pesquisa ser voltada para a cultura no seu sentido de manifestação artística, me parece pertinente apresentar alguns conceitos gerais sobre o que é cultura, para que se possa refletir sobre esta palavra tão comum no nosso vocabulário e também para contextualizar o papel da mediação cultural. No *Dicionário crítico de Política Cultural*, José Teixeira Coelho (1997, p. 247) define mediação cultural como:

Processos de diferente natureza cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividades e obras de cultura e arte. Essa aproximação é feita com o objetivo de facilitar a compreensão da obra, seu conhecimento sensível e intelectual – com o que se desenvolvem apreciadores ou espectadores, na busca da formação de públicos para a cultura – ou de iniciar esses indivíduos e coletividades na prática efetiva de uma determinada atividade cultural.

Em seu estudo sobre mediação e comunicação, o sociólogo Jean Davallon (2007) defende que a mediação cultural, seja por meio de produtos ou agentes mediadores, é contextualizada e tem por objetivo apresentar, explicar e construir uma relação do público com a arte. Seja essa arte um objeto, uma imagem, um som, um movimento etc., a mediação cultural é uma ação que aproxima sujeitos e manifestações socioculturais.

Sabendo-se da enorme desigualdade social e racial historicamente presentes no nosso país, seria impreciso pensar que o acesso e o consumo de produções culturais são iguais para todos e nem que todas as manifestações de cultura são valorizadas. O antropólogo Luiz Fernando Duarte (2001) comenta que um dos atuais desafios da mediação é a permanente reconstituição da separação que foi criada pela sociedade moderna, ao diferenciar o erudito e o popular, a cidade e o sertão, o asfalto e a favela, estabelecendo assim uma escala com marcações do que seria “alta” ou “baixa” cultura e o lugar que cada indivíduo pode ocupar.

Desse modo, é importante destacar a figura do mediador nas atividades culturais, porque, segundo Ana Martins (2010, p. 57), essa figura é “[...] responsável por promover a ligação entre instâncias de produção de bens culturais, e o público, fornecendo a este último os códigos que permitem o acesso e a apropriação às produções culturais”. Citado por Martins (2010, p. 58), Bernard Lamizet (1998, p. 9), ao propor uma reflexão da mediação cultural situada no espaço social, afirma que:

[...] a mediação representa o imperativo social essencial da dialética entre o singular e o coletivo, e da sua representação em formas simbólicas. [...] É o sentido da mediação que constitui as formas culturais de pertença e de sociabilidade dando-lhes uma linguagem e dando-lhes as formas e os usos pelos quais os atores da sociabilidade apropriam-se dos objetos constitutivos da cultura [...]

Diálogo, contexto social, aproximação e pertencimento, parecem ser as palavras-chave que acompanham e definem as discussões sobre mediação cultural. É nítido como essa ação só funciona se tivermos uma preocupação em incluir o indivíduo durante o processo. Ser atores da sociabilidade nada mais é que o protagonismo compartilhado entre todos, e é por isso que “[...] a mediação caracteriza-se por ser colaborativa, participativa e potencialmente transformadora” (SANTOS NETO; ALMEIDA JÚNIOR, 2017, p. 255).

Destaca-se ainda, a compreensão de Edmir Perrotti (2016, p. 13) sobre a mediação cultural ao citar que essa ação

[...] emerge na contemporaneidade como formulação teórica e metodológica inscrita, portanto, num quadro que reconhece os conflitos, ao mesmo tempo que a necessidade de estabelecimento de elos que viabilizem diálogos necessários à geração de ordens culturais mais democráticas e plurais.

Com base nesse pensamento, é necessário refletir sobre o papel do/a mediador/a cultural que, no desenvolvimento de suas ações, deve contemplar a pluralidade do contexto social e garantir a manifestação de diversificados elementos constituintes da cultura que medeia. Para

isso, enfrentará desafios e defenderá o espaço dialógico e democrático. Tais ações requerem do/ agente mediador/a uma postura crítica e reflexiva, para que suas ações possam ser realizadas de maneira consciente e alinhadas às necessidades de sua comunidade.

Ao refletirem sobre o/a mediador/a cultural, Celly Lima e Edmir Perrotti (2017, p. 19) o/a reconhecem como

[...] um protagonista cultural, que atua negociando sentidos, realizando tarefas e propondo ações que viabilizam a apropriação e o protagonismo cultural dele e de indivíduos, grupos e coletividades. Seus fazeres compreendem certamente planejamento e gerenciamento de projetos culturais, mas baseados na dialogia com outros protagonistas [...].

Além de destacarem o processo dialógico no desenvolvimento da mediação cultural, os autores citados reconhecem a postura protagonista do agente mediador ao se colocar como um sujeito proativo, que busca mudar sua realidade e a de sua comunidade. De acordo com Edmir Perrotti (2017, p. 15), protagonismo social é “[...] uma dimensão existencial inextricável. Significa resistência, combate, enfrentamento de antagonismos produzidos pelo mundo físico e/ou social e que afetam a todos”. Ou seja, o/a protagonista social realiza os enfrentamentos presentes nos ambientes sociais, com o intuito de garantir o espaço de fala e de representatividade que contemple a pluralidade cultural do contexto social.

Apesar de serem discutidas separadamente, a mediação da informação, na perspectiva da Biblioteconomia, e a mediação cultural, na perspectiva das Ciências Sociais e Humanas, compartilham o mesmo objetivo de empoderar seus/suas usuários/as por meio de uma interferência consciente por parte do/a mediador/a. E para isso acontecer, é extremamente importante que todas as ações realizadas levem em consideração a sua sociedade e a sua cultura. No próximo tópico, abordarei os aspectos conceituais da mediação da informação.

2.2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A definição mais geral para a palavra mediação, que deriva do latim *mediatio*, é “colocar-se entre duas partes”. Muitas áreas do conhecimento, como Direito, Pedagogia e Filosofia, utilizam e conceituam este termo de maneira diferente, entre as variáveis concepções, a mais popular refere-se à mediação como “ato ou efeito de mediar”, supondo a interferência de uma pessoa, ou objeto, em alguma situação que objetiva melhorar as relações entre os envolvidos (MICHAELIS, 2019).

Na Biblioteconomia, não é raro o termo mediação estar presente em trabalhos acadêmicos e encontros da área. Aqui no Brasil, a mediação da informação vem sendo objeto

de estudo desde a década de 1990 e algumas faculdades de Biblioteconomia já oferecem em seus currículos uma disciplina específica para tratar esse assunto ou debatem-no no decorrer de outras matérias (SANTOS NETO; ALMEIDA JÚNIOR, 2016). Mas apesar de ser um termo cotidiano, com um significado quase autoexplicativo, o conceito de mediação da informação ainda gera muitas discussões e alguns autores passaram a se dedicar especialmente a esse assunto.

Entre esses/as autores/as, destaca-se o conceito formulado pelo pesquisador Oswaldo Almeida Júnior que, além de defender a mediação da informação como o real objeto de estudo da Biblioteconomia, integra o grupo de pesquisa Mediação da informação e leitura informacional: conceitos e implicações, o qual realizam trabalhos direcionados especificamente para esse tema. Para o citado autor, mediação da informação é

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais (ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p. 25).

Este conceito não só define o que é a mediação da informação, como também apresenta de que forma ela pode se manifestar. Vale ressaltar a preocupação que é dada a questão da interferência e da apropriação da informação, pois levanta a reflexão de que nenhuma atividade do/a bibliotecário/a é neutra, e nem que a disseminação da informação é a etapa final do nosso trabalho. Logo, a mediação da informação é vista como um processo cíclico pois, uma vez que atribuímos sentido a uma informação, e esta é apropriada pelo/a usuário/a, ela pode despertar novas necessidades informacionais, gerando, conseqüentemente, novas demandas de mediação (SANTO NETO; ALMEIDA JÚNIOR, 2017).

Outro aspecto a ser discutido sobre mediação da informação são os seus caracteres intrínseco e extrínseco. Almeida Júnior e Santos Neto (2014) declaram que a mediação está presente em todo o fazer bibliotecário, desde as atividades técnicas, como a formação e desenvolvimento de coleções e catalogação (mediação intrínseca) até o serviço de referência e ações culturais (mediação extrínseca). Apesar dessas últimas atividades, caracterizadas pelo contato direto com o usuário, serem as mais citadas quando se pensa em mediação da informação, podemos constatar a interferência do/a bibliotecário/a em todo processo profissional, uma vez que todas as tarefas dependem do julgamento crítico do/a bibliotecário/a para serem realizadas.

Entretanto, numa pesquisa realizada por Santos Neto e Almeida Júnior (2016, p. 12) sobre a formação do profissional no Brasil no que tange a mediação da informação, revelou que

[...] os profissionais possuem uma dificuldade em exteriorizar o que compreendem em relação a mediação e, quando o fazem, a relacionam com a disseminação da informação. Outro entendimento comum entre eles é a percepção da mediação como sinônimo de ponte. O que não é verdade, pois, a ponte, que é fixa, tem como função unir dois elementos imutáveis. Já a mediação ocorre com elementos diferentes, utilizando recursos diferentes e em meio aos conflitos, ou seja, ela não ocorre sempre da mesma forma e com os mesmos elementos para ser comparada à ponte, um elemento fixo.

Essa visão da mediação como ponte afasta um outro aspecto que merece ser discutido que é o caráter estético e dialógico da mediação, abordado por Henriette Gomes (2014, p. 50) ao refletir que:

Os sujeitos da ação comunicativa precisam transitar com ‘conforto’ no ‘ambiente’ do encontro, no espaço da interlocução, precisam desenvolver o sentimento de pertença, já que o encontro promissor com a informação é aquele capaz de gerar o terreno propício para o desenvolvimento intelectual e a construção do conhecimento. E esse ‘conforto’ se consolida a partir de uma base comunicacional dialógica, por meio da qual as ideias podem transitar sem censura ou rejeição e os debates sejam decorrentes do exercício da crítica e dependentes da interação paritária dos participantes da ação.

Atualmente, entre as diversas atividades e preocupações biblioteconômicas, alcançar a satisfação e criar estratégias para conquistar novos usuários, é uma das principais metas da área. Por isso, é importante repensarmos o papel que é atribuído ao/à usuário/a durante a mediação da informação, pois, como salienta Henriette Gomes (2014, p. 50) esse processo caracteriza-se como “[...] uma ação compartilhada e colaborativa, na qual o profissional da informação desempenha o papel de agente mediador, mas não representa o único agente desse processo de comunicação [...]”, ou seja, quando usuário/a e mediador/a ocupam o mesmo nível de importância no processo de comunicação, maior será o diálogo e a troca de conhecimentos.

Eliane Mey e Naira Silveira (2009) declaram que, devido a diferentes visões de mundo, existem diversos modos de considerarmos o processo comunicativo. Assim como a imagem de uma ponte é vinculada a mediação, o processo de comunicação também tem uma imagem popular que, de maneira geral, representa o seu conceito:

FONTE → TRANSMISSOR/A → CANAL → RECEPTOR/A → DESTINO
 ↑
 Fonte de ruído

No âmbito da Biblioteconomia, podemos estabelecer duas relações com as etapas descritas acima. A primeira relação pode ser descrita como “Bibliotecário/a x Usuário/a”, na qual, para nós, *fonte*, seria todo os itens bibliográficos que compõem o nosso acervo e que são *transmitidos* por meio dos nossos serviços; o *canal*, seria os instrumentos que utilizamos para representar os itens e o/a *receptor/a* e *destino*, o/a nosso/a usuário/a (MEY; SILVEIRA, 2009).

A segunda relação pode ser descrita como “Usuário/a x Bibliotecário/a”, neste caso, *fonte* passa a ser o/a próprio/a usuário/a; o/a *transmissor/a* é a forma em que ele expressa suas necessidades informacionais; *canal* são os nossos instrumentos disponibilizados; *receptor/a* os/as bibliotecários/as e seus serviços e *destino* os nossos itens. Em ambas relações, a *fonte de ruído* é a dificuldade que tanto o/a bibliotecário/a quanto o/a usuário/a encontram em compreender a mensagem um/a do/a outro/a (MEY; SILVEIRA, 2009).

Apesar da aparente simplicidade, o processo de comunicação é muito complexo, dado que “[...] as mensagens veiculam símbolos e sinais, que precisam ser entendidos pelas pessoas: transferências de informações só podem ocorrer dentro de processos de compreensão” (RÜDIGER, 2011, p. 88). Com esta perspectiva, Eliane Mey e Naira Silveira (2009, p. 3) destacam quatro pontos pertinentes sobre o processo comunicativo:

- 1) A comunicação é o meio por excelência de convivência entre os seres humanos;
- 2) Não basta, apenas, o conhecimento da linguagem para que façamos compreendidos por outras pessoas – torna-se indispensável entender seu ambiente social e sua cultura;
- 3) A compreensão das mensagens é essencialmente contextualizada;
- 4) A apreensão do conhecimento é individual, porém depende do contexto em que se insere o indivíduo, tanto para desenvolvimento de suas próprias capacidades, como para a oportunidade de que o conhecimento se lhe seja oferecido.

Nessa conjuntura, considerando a 3ª Lei de Ranganathan que cita “para cada livro seu leitor”, somada ao processo de comunicação apresentado por Eliane Mey e Naira Silveira (2009), reforça-se a concepção de que o/a bibliotecário/a deve estar atento/a aos elementos socioculturais que contextualizam seus/suas usuários/as, bem como deve desenvolver suas práticas biblioteconômicas de maneira que os produtos e os serviços oferecidos dialoguem com esse contexto. Para tanto, com a realização da mediação consciente da informação, a interferência da/o bibliotecária/o para apropriação da informação pelo o usuário, contribui para a transformação do meio social. Por isso, como enfatizam Oswaldo Almeida Júnior e João Arlindo Santos Neto (2014, p. 111), “[...] a mediação da informação, quando realizada de

maneira consciente, é um dos principais meios de fazer com que o usuário se aproprie de forma satisfatória de uma informação”.

Desse modo, nesse estudo, entendo a mediação como uma interferência intencional que tem por objetivo promover a apropriação da informação pelo/a usuário/a. Por isso, assim como Oswaldo Almeida Júnior (2015), compreendo a mediação da informação como o real objeto de estudo da Biblioteconomia, pois, uma vez que consideramos a informação além de dados registrados em determinados suportes, ampliamos o foco da área e passamos a explorar o conhecimento e a potencialidade transformadora da informação em qualquer ambiência de equipamentos informacionais e de diferentes formas.

2.3 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DE ORQUESTRA E REGÊNCIA

A origem da palavra “orquestra” vem do grego, utilizada no século V a.C. para se referir à “lugar para dançar”. Nesse período, eram realizados espetáculos em anfiteatros com canto e encenação de dramas, tendo o apoio de instrumentistas na emissão de sons. No século XVII, as óperas compostas na Itália foram baseadas nos dramas gregos. Nessa fase, a palavra orquestra era atribuída ao espaço físico que os músicos ficavam, que era entre o palco e o público. Com o tempo, a palavra orquestra passou a significar o grupo de instrumentistas (SOUSA, 2007).

Atualmente, o conceito de orquestra está relacionado a um conjunto de instrumentistas que, geralmente, executam música de concerto. A formação de uma orquestra tal qual conhecemos hoje é fruto de diversos períodos da história da música, principalmente da música instrumental. Até o século XVI, a música instrumental era usada como apoio a música vocal e sua execução se limitava a três ou quatro intérpretes, mas a partir do aprimoramento e surgimento de novos instrumentos, surgiu a necessidade de dividi-los pelo seu modo de tocar, criando assim uma classificação de famílias de cordas, de sopros e de percussão (A ARTE..., 1968).

A partir dessa divisão, compositores começaram a ampliar o uso de instrumentos em suas peças sinfônicas e aos poucos as orquestras começaram a crescer. No século XVII, a orquestra do compositor Claudio Monteverdi chegou a incluir 36 instrumentistas. No século seguinte, Jean P. Rameau aumentou esse número para 47 e manteve esse total até as últimas sinfonias de Wolfgang Amadeus Mozart, no fim do século XVII. A partir do século XIX, por influência de Ludwig van Beethoven, as orquestras passaram por uma outra mudança na divisão de suas famílias e chegaram a ter 70 instrumentistas. Mas só foi a partir do compositor francês Hector Berlioz que a orquestra se configurou na forma que a conhecemos hoje, atingindo,

quando necessário, um total de 110 instrumentistas e Richard Wagner, maestro alemão, é apontado por dar a orquestra a personalidade que ela tem atualmente (A ARTE..., 1968).

Uma orquestra comumente é formada por quatro naipes de instrumentos: cordas (violinos, violas, violoncelos, contrabaixos, harpas, piano); madeiras (flautas, flautins, oboés, corne-inglês, clarinetes, clarinete baixo, fagotes, contrafagotes); metais (trompetes, trombones, trompas, tubas); e percussão (tímpano, triângulo, caixas, bumbo, pratos etc.). A performance de uma orquestra é apresentada por diversos/as instrumentistas, em que estes são guiados pela batuta de um/a maestro/maestrina.

O/A maestro/maestrina é uma figura recente na composição de uma orquestra. Alguns estudiosos estimulam que este profissional surgiu entre os séculos XVIII e XIX, dada a complexificação das formações instrumentais. O papel dessa figura – também chamada de regente – é conduzir uma orquestra por meio de “[...] gestos, transmitindo aos músicos e musicistas valores e índices que compõe uma obra musical, como andamento, ritmo e expressividade” (TOFFOLO, 2016).

Angelino Bozzini (1998, p. 1) diz que a técnica de reger é a “[...] arte de traduzir pensamentos musicais através de gestos e expressões”. Da plateia, os movimentos do/a maestro/maestrina podem parecer simples, porém, cada gesto seu é consciente e tem um significado. É por meio dessa linguagem que ele/a informa aos músicos e às musicistas da orquestra quando e como tocar. Isaac Karabtchevsky, um grande maestro brasileiro, diz que “nem tudo está escrito na partitura”,¹ por isso, o trabalho do/a regente vai muito além do auxílio técnico para uma harmoniosa execução da música, pois cabe ao/a maestro/maestrina sincronizar, equilibrar e conduzir a orquestra como se fosse um único instrumento, tentando ao mesmo tempo transmitir os mesmos sentimentos e ideias que tocaram o/a compositor/a ao criar sua peça, quanto atuar criativamente sobre as composições.

A esse caráter mágico da profissão, Bozzini (1998, p. 4) diz que é por meio da batuta que o maestro dá o “[...] ‘sopro divino’ que cria a alma e origina a vida da música”, ou seja, ele/a tem significativa influência na performance de uma orquestra ao orientar os andamentos e as dinâmicas das obras, além de ter uma postura de líder e papel motivador diante dos/as instrumentistas.

Esta pesquisa reconhece a atuação de mediação cultural do/a maestro/maestrina em meio às suas práticas musicais. A mediação cultural se dá quando, por exemplo, o/a regente participa do planejamento da programação de concertos e escolhe repertórios que conferem

¹ Informação oral (CREPALDE, 2017, p. 212).

sentido à plateia, contribuem para formação dos sujeitos, e em alguns casos, evocam os traços socioculturais do público, de maneira que este se sinta representado. A mediação da cultura ocorre também quando o/a maestro/maestrina busca uma aproximação por meio do diálogo e interação com a plateia, de maneira que proporcione um ambiente confortável e prazeroso para ele, para os/as instrumentistas e para o público. O/A regente atua como mediador/a cultural quando realiza suas ações de maneira que a instituição orquestra a qual rege passa a ser reconhecida como um bem cultural para o seu público.

Capítulo 3
METODOLOGIA

Antonio Gil (2016, p. 1) define pesquisa como um “[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. A importância de determinar quais métodos foram utilizados para a construção de uma pesquisa, é explicitar de que forma os dados foram coletados e analisados. Sendo assim, este capítulo visa apresentar a metodologia empregada para a realização desta pesquisa.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa se configura como descritiva de natureza qualitativa. Pois conforme citado na introdução, seu objetivo geral foi identificar e analisar as estratégias utilizadas pelo maestro Carlos Prazeres para realizar o processo de mediação cultural e contribuir para a disseminação da informação musical no Cineconcerto.

Nesse sentido, a pesquisa caracteriza-se como descritiva pois se dedica à descrição das características de determinada população ou fenômeno (GIL, 2016) e o método empregado, para este contexto, é o estudo de caso. Para Magda Alves (2007, p. 58), o estudo de caso “[...] trata-se de um estudo em profundidade [...] de uns poucos objetos visando obter o máximo de informações que permitam o amplo conhecimento [...] [para o/a pesquisador/a]”. Trata-se ainda de uma pesquisa documental, uma vez que, fez uso de postagens divulgadas nas redes sociais da OSBA.

Os dados coletados na pesquisa foram analisados considerando os aspectos subjetivos das informações levantadas por meio dos instrumentos de pesquisa adotados, uma vez que, a pesquisa qualitativa “[...] possibilita que o pesquisador recolha dados subjetivos, bem como outros níveis de consciência da população estudada [...]” (SANTOS; CANDELORO, 2006, p. 71). Ou seja, os dados coletados na pesquisa foram analisados pela abordagem qualitativa.

3.2 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foi uma entrevista realizada com o maestro Carlos Prazeres, como também um questionário online, aplicado com o público do Cineconcerto entre os dias 12 e 19 de outubro de 2019. Adotou-se ainda na coleta de dados a observação direta, uma vez que acompanhei a um ensaio geral e assisti ao espetáculo do Cineconcerto realizado no dia 12 de outubro de 2019. Para tanto, utilizou-se diário de campo.

Quanto a entrevista, Antonio Gil (2016, p. 120-121) compreende que ela,

[...] requer a tomada de múltiplos cuidados em sua condução, tais como [...] definição da modalidade de entrevista, que pode ser: aberta (com questões e sequências predeterminadas, mas quanto a liberdade para responder), guiada (com formulação e sequência definida no curso da entrevista), por pautas (orientadas por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vem explorando ao longo do seu curso), ou informal (que se confunde com a simples conversação).

Neste sentido, optou-se nesta pesquisa pelo tipo de entrevista aberta, posto que ela viabiliza a sequência predeterminada ao mesmo tempo que deixa o entrevistado livre para discorrer sobre o assunto, possibilitando ainda, o surgimento de novas perguntas.

Já o questionário “[...] é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (MARCONI; LAKATOS, 2007, p. 203). O questionário (Apêndice A) foi elaborado no Google Formulários, uma ferramenta online que permite o compartilhamento por meio de um link. Ele contou com 13 questões de múltipla escolha e 1 questão discursiva e foi aplicado na plateia do Cineconcerto. O meio utilizado para divulgação do questionário foi um dispositivo da *web*, que possibilitou alcançar um número significativo de respondentes.

3.3 CAMPO, UNIVERSO E AMOSTRA DA PESQUISA

Como já foi citado, o campo de estudo desta pesquisa é a Orquestra Sinfônica da Bahia (OSBA). É válido reforçar a virtuosidade desta Orquestra que já dividiu o palco com, por exemplo, o famoso tenor do Luciano Pavarotti, com a graciosa performance do Ballet da Cidade de Nova York e com o clássico Ajayô do Carlinhos Brown. Como também já foi regida por conceituados maestros como Isaac Karabtchevsky e Ricardo Castro. (OSBA, [2019]).

Frequentemente, registros desses concertos podem ser recuperados nas redes sociais por meio da tag “#VIVAOSBA”, frase que se tornou principal selo de apoio e divulgação do trabalho da Orquestra, que até então, vinha enfrentando problemas financeiros que impactavam diretamente na realização de suas apresentações. A partir de 2017, a OSBA passou a ser administrada pela Associação Amigos do Teatro Castro Alves (ATCA) – organização social sem fins lucrativos –, o que lhe possibilitou expandir seu corpo de músicos e criar novas parcerias. A Orquestra continua como um corpo artístico público e ainda é mantida com recursos diretos da Secretaria de Cultura do Governo do Estado da Bahia (Secult/BA), porém, o novo modelo de gestão permite maior agilidade e liberdade para a Orquestra realizar a suas atividades (OSBA, [2019]).

Atividades essas que atualmente contam com quatro séries que homenageiam importantes personalidades da história baiana: Manuel Inácio da Costa, Mãe Menininha, Jorge Amado e Carybé; sete projetos especiais: Futurível, Cineconcerto, Sarau Myriam Fraga, Verão da OSBA, OSBA em Casa, Osbacuri e OSBA em Família; e um projeto de extensão realizado por quatro cameratas: Opus Lumen, Bahia Cordas, Quadro Solar e Quarteto Novo (OSBA, [2019]). Apresentações diferentes, para todos os tipos de gostos, mas com a característica comum de atrair um novo olhar para a Orquestra e para o mundo da música clássica. A cada dia esses espetáculos evidenciam a OSBA na programação cultural de Salvador e hoje é comum alguns concertos terem duas sessões e ingressos esgotarem em poucas horas, como é o caso do Cineconcerto.

O universo desta pesquisa foi formado pelo total de 5 mil respondentes, uma vez que, para este espetáculo é disponibilizado esse total de ingressos pela Concha Acústica do Teatro Castro Alves. Contudo, por conta de o universo se mostrar extenso, fato que comprometeria a realização desta pesquisa dentro do período requerido para o desenvolvimento de um TCC, já se sabia que seria necessário extrair uma amostra que possibilitasse atingir os objetivos propostos.

Para tanto, foi aplicado um questionário eletrônico com a plateia, logo após a realização do Cineconcerto, realizado no dia 12 de outubro de 2019. A partir do número de questionários respondidos é que foi delineada a amostra composta de 108 respondentes.

Capítulo 4
O MAESTRO,
O CINECONCERTO
E O/A BIBLIOTECÁRIO/A

Após exposição dos temas que basearam este estudo e da metodologia empregada para realizá-lo, esse capítulo visa apresentar e analisar os dados obtidos e responder as problemáticas que motivaram essa pesquisa: o maestro Carlos Prazeres é um agente mediador da cultura e da informação musical de maneira que desperta no público o gosto e prazer pela música? O/A bibliotecário/a pode contribuir no processo de acesso e apropriação da informação realizada pelo maestro?

4. 1 A MEDIAÇÃO CULTURAL NA REGÊNCIA DE CARLOS PRAZERES E OS RECURSOS INFORMACIONAIS UTILIZADOS

Como já exposto, o objeto de estudo dessa pesquisa foi o Cineconcerto (Figura 1), uma das atividades mais populares da OSBA e, como o próprio nome revela, trata-se de um espetáculo que relaciona o cinema com a música sinfônica.

Figura 1: Espetáculo Cineconcerto da Orquestra Sinfônica da Bahia



Fonte: Rafael Martins (2019).

O Cineconcerto surgiu em 2013 e o seu grande diferencial são os instrumentistas e o próprio maestro estarem fantasiados com personagens de filmes. Em entrevista, o maestro Carlos Prazeres contou como nasceu esse projeto:

[...] O Cineconcerto foi muito simbólico, porque ele foi a junção de duas gerações da orquestra. Uma geração mais velha, que foi o professor Heinz Schwebe, do trompete, que falou comigo assim: 'A gente tinha que fazer um concerto de música de cinema, a música de cinema é muito importante, o pessoal aqui da Bahia dá valor, quando a gente fazia com a OSBA de antigamente, a gente tinha um público muito grande'. E o Arthur Lauton, que é o

músico da juventude [...] falou assim: ‘Bom, a gente podia fazer fantasiado de personagem de cinema’, inclusive, porque a gente na época não tinha dinheiro para solicitar o telão [...]. Quando você tem um telão passando filmes e a orquestra tá tocando, a atenção do público é pro telão e não tem menor sentido você convocar uma orquestra pra ser trilha sonora pra um telão [...] Eu acho que o enfoque, o palco principal, o centro das atrações, tem que ser a orquestra sinfônica que tá ali [...], o filme a pessoa vê no cinema, vê em casa, onde ela quiser. Então o Arthur falou ‘Vamos nos fantasiar’, se eu já tinha dúvidas sobre o telão, aquilo ali pra mim foi a pedra fundamental.

Com a fala do maestro, evidencia-se que a proposta do Cineconcerto foi construída de maneira coletiva, ouvindo a opinião dos instrumentistas e concordando com o uso de fantasias que remetessem a obras cinematográficas. Lembrando-se da histórica desigualdade social e racial do nosso país e a imagem elitizada que circunda uma orquestra sinfônica, a ideia de engavetar os tradicionais ternos e vestidos longos e se apresentarem caracterizados de personagens de filmes, demonstra um interesse em criar uma nova imagem para a orquestra. Uma imagem que é pensada além do sentido visual, como relata o maestro ao explicar como é feito a escolha do repertório para o Cineconcerto:

[...] A gente primeiro tem uma sessão fixa do Cineconcerto, que [é a sessão composta pelas] peças que causaram tanto frisson que a gente [até hoje] não conseguiu tirar do [repertório] e a gente tem o compositor John Williams como um grande pilar do Cineconcerto [...]. Quando a gente começou o Cineconcerto em 2013, ele era 80% John Williams, isso quer dizer [que tocávamos a trilha sonora de] Tubarão, Et, Harry Potter, Indiana Jones, Super Homem, Star Wars e Lista de Schindler... são sete peças do John Williams. [Mas] a partir de um ponto a gente começou a deixar de fazer John Williams e [entramos] em outros patamares, por exemplo, tem uma sessão que se adequa ao momento, [então], se a gente tá no aniversário de Salvador, a gente faz uma sessão dedicada a Salvador, se a gente tá num momento que um filme da Disney tá bombando muito, a gente pensa numa sessão pra Disney [...]. Então aí agora tem uma sessão mais móvel, que é a sessão que a gente pensa para manter o Cineconcerto uma coisa atual [...].

Identificar datas simbólicas e filmes que estão fazendo mais sucesso no momento, demonstra uma preocupação em incorporar e construir um espetáculo que apresente mensagens que conversem com a cultura local e com a contemporaneidade. O maestro Carlos Prazeres tem se preocupado em realizar concertos que possibilitem ao público se apropriar de valores simbólicos soteropolitanos, o que nos remete a concepção de Martins (2010) sobre o/a mediador/a cultural, como aquele agente que promove a aproximação e o diálogo entre as instâncias de produção de bens culturais e o público. E esse diálogo também se estende na forma como o Cineconcerto é conduzido pelo maestro, pois vale destacar que esse é o único espetáculo da OSBA em que todos os músicos são apresentados para a plateia e, apesar do desafio de ter que falar com todos os músicos e já ter recebido sugestões para tirar esse momento da

programação do Cineconcerto, o maestro Carlos Prazeres se opõe a essa sugestão e explica a importância dessa ação:

[...] Cada músico ali investe em uma fantasia, tem gente que paga 500 reais, tem gente que paga 200, 300... tem gente que consegue arrumar em casa alguma coisa, mas todo mundo vai fantasiado [...]. Então isso quer dizer alguma coisa também, pois nos remete a um problema crônico das orquestras que é o músico se tornar invisível. Eu sou oboísta, eu sei o quanto eu estudei para tocar esse instrumento [...] então assim, chegar lá, pra tocar numa orquestra, para as pessoas não saberem nem qual é o nome do teu instrumento. [...] Por isso o Cineconcerto me gera um desafio muito grande, porque tem um tempo que eu preciso ir a todos os músicos e falar com cada um deles. [...] Então isso [da] personificação do próprio músico, é muuuito importante porque ele também acaba trazendo para outras séries, tanto do músico para a plateia, o pensamento de: 'Bom, eu sou o músico tal e a plateia tá me reconhecendo, então a responsabilidade recaí sobre mim também, não só sobre o maestro' e da plateia por sua vez, também a ótica de você olhar para o Orquestra Sinfônica da Bahia e você não vê uma massa cinzenta, você fala assim: 'Olha gente, eu acho que o [fulano] hoje tá distraído hein [...]'

Podemos perceber que a liberdade de expressão, colaboração, valorização do sujeito e diálogo com a cultura local são pilares que fundamentam o projeto Cineconcerto. A partir da realização da entrevista e da observação direta foi possível constatar a atuação protagonista do maestro Carlos Prazeres ao garantir a existência desses pilares no desenvolvimento das ações da OSBA. Dessa maneira, o maestro se apresenta como um mediador cultural, tal como defende Perrotti (2017). Saber quem compõe a OSBA é resultado de um trabalho que reconhece que o apoio da sociedade civil é muito importante para a própria existência da orquestra.

A utilização de figurinos e um repertório dinâmico são estratégias que, talvez, por si só, não transmitissem toda a ideia presente na construção do Cineconcerto e conseqüentemente não atingiria o objetivo de atrair e aproximar o público da Orquestra, pois, sendo a apresentação musical um tipo de linguagem, é essencial que, em um processo comunicativo, as mensagens sejam contextualizadas para que haja a compreensão por parte dos indivíduos (MEY; SILVEIRA, 2009; RÜDIGER, 2011).

Dessa forma, evidencia-se a importância da mediação cultural para a construção de sentidos, como é defendido por Bernard Lamizet (1998). O papel de mediador é desempenhado pelo maestro Carlos Prazeres, cuja regência é caracterizada por uma interação ativa e lúdica com a plateia por meio de conversas entre uma peça musical e outra.

A oralidade é a principal ferramenta do maestro para contextualizar o espetáculo e apesar do estilo *stand-up comedy* que o próprio maestro diz gostar de realizar no Cineconcerto, vale destacar que a preparação dele vai além de ouvir e estudar todas as trilhas sonora do repertório. Em entrevista, ele comenta que também costuma assistir e pesquisar a história da

maioria dos filmes para criar um roteiro de apresentação, o que evidencia a necessidade e a preocupação do maestro em procurar fontes informacionais para fundamentar o seu diálogo com o público.

E é o seu diálogo que costura todas as estratégias utilizadas no Cineconcerto e cria um cenário em que plateia e orquestra ocupam o mesmo nível de protagonismo. Em relação ao seu modo peculiar de reger, que não foi proveniente de uma escola de música, o maestro explica o que o motiva a trabalhar dessa forma, ao citar que:

No Cineconcerto eu acho importante que esse espaço [da conversa] exista, porque na verdade você tá, primeiro, tentando convidar a pessoa para entrar naquele universo sensorial daquele filme, [então] você precisa fazer alguma coisa pra isso [...]. Então assim, eu gosto disso, era um pouco da personalidade do meu pai também, ele gostava de falar com o público, de cativar as pessoas. E as pessoas saem do concerto querendo voltar e se sentindo bem, se sentindo inteligente, sentindo que o maestro é um cara normal, que é igual a elas. Não é um cara superior que tá pra dar uma bronca nelas [falando] assim: ‘Vocês são burras!’, ‘Vocês não entenderam nada!’, ‘Como é que não percebem a genialidade de Hans-Hubert’. E não cara, não, estamos aqui no Brasil, sabe, aqui no Brasil, nossa cultura é nossa cultura, nós temos que respeitar nossa cultura também, ver como que nós queremos nos familiarizar com os clássicos, qual a nossa maneira de escutar, nossa maneira de ouvir, se não a gente vai estar sempre caindo no mito da árvore de Natal, [que é assim:] a gente tá aqui em dezembro, [fazendo] 42º graus e bota um pinheirinho com neve, porque na Europa se coloca, entendeu?

Com a fala do maestro Carlo Prazeres, fica evidente a sua atuação proativa como agente mediador ao compreender que o Cineconcerto é um espaço estratégico para alcançar e aproximar um número maior de público, e também, para conciliar os clássicos da música internacional com repertórios representativos da cultura local. Nessa atitude, observo que a postura do maestro aponta para uma escuta sensível dos anseios que permeiam os aspectos socioculturais de seu público.

Em 2018, João Leiva e Ricardo Meirelles realizaram uma pesquisa sobre o consumo de atividades culturais em 12 capitais do Brasil e esse estudo revelou que a maioria dos entrevistados nunca tinham ido a saraus e concertos, principalmente aqueles que possuem o perfil com menor escolaridade e renda. Esse dado reforça o que foi debatido anteriormente sobre o desafio da mediação ser o constante trabalho de reconstituir a escala social do que é considerado “alta” ou “baixa” cultura (DUARTE, 2001). Então podemos dizer que democratizar o acesso à cultura faz parte da realização de uma mediação consciente e a fala acima demonstra o comprometimento social e cultural do maestro em apresentar um modelo musical que dialogue com o seu entorno e quebre com os estereótipos que afastam muitos indivíduos de conhecer e consumir essa atividade cultural socialmente lida como “alta cultura”.

Desse modo, reforça-se que o maestro Carlos Prazeres atua como um “protagonista cultural” (LIMA; PERROTI, 2017) ao mediar os aspectos culturais a partir de ações que viabilizam a apropriação e o protagonismo cultural dele, dos músicos e da Orquestra. É importante salientar que o efeito desse trabalho cria afetividade com os espectadores que ressoa em outras atividades da OSBA, como afirma o maestro:

[...] A gente sabe que muita gente que vem hoje pra série Jorge Amado, ela veio do Cineconcerto. Ela veio porque aprendeu a gostar da orquestra como instituição, ela veio porque ela conhece o [músico fulano], porque conhece [o músico sicrano], ela veio por isso, entendeu? E porque ela acha aquele programa, um programa muito interessante e a imagem da orquestra é fundamental pra isso. Se você põe a imagem de algo chato, velho... e de repente você tem a imagem de algo super jovial... E que lota [a Concha Acústica], e se o público não correr, não consegue [comprar os ingressos]. Então hoje em dia, você conseguir um ingresso pra um concerto da OSBA, você é superprivilegiado e isso é uma coisa que a gente sempre sonhou em fazer. Então [o Cineconcerto] veio para mudar uma imagem que o público tinha da OSBA.

Esgotar todos os ingressos da Concha Acústica do Teatro Castro Alves (TCA) – espaço onde normalmente é realizado o Cineconcerto e tem capacidade para 5 mil pessoas – diz muito sobre como o público acolheu essa nova imagem da OSBA. Apresentar um novo modelo de gestão e do fazer musical, que vai de encontro o tradicionalismo, é um grande desafio, mas quando o/a agente mediador/a está ciente da sua responsabilidade social, todas as ações serão pensadas em prol dessa mudança. E o primeiro passo para isso é reconhecer que uma instituição cultural tem uma função na sociedade, e nesse sentido, o maestro Carlos Prazeres diz:

Eu entendo a orquestra sinfônica como uma representação da sociedade, uma continuidade musical do quê que é a sociedade, então se ela não representa a sociedade, se ela é simplesmente um ET, um óvni, um castelo medieval que pousou no Brasil, ela não tem sentido de existir. Ela só tem sentido de existir quando [o diálogo com a sociedade] acontece.

Conforme defendido por Martins (2010), o/a agente mediador/a é responsável pela promoção de ações que possibilitam a ligação entre as instâncias de produção de bens culturais e o público, fornecendo e explicando a estes últimos os códigos que permitem o acesso, a compreensão e a apropriação das produções culturais. E assim tem atuado o maestro Carlos Prazeres frente a OSBA.

4.2 A PERCEPÇÃO DO PÚBLICO SOBRE AS AÇÕES REALIZADAS PELO MAESTRO NO CINECONCERTO

A partir dos resultados obtidos com o questionário aplicado junto ao público, foi inicialmente delineado o perfil dos/as participantes da pesquisa, em que foi constatado que 39,8% dos respondentes se declararam negros/as, 30,6% se declararam pardos/as, 25,9% se declararam brancos/as e os demais foram indígenas e amarelos/as. Em relação à faixa etária, destaca-se que 63,9% do público possui entre 19 e 30 anos de idade e 22,2% deles entre 31 e 40 anos, mas também houve respondentes entre a faixa de 41 e mais de 60 anos. Quanto à escolaridade, destaca-se que 55,6% têm ensino superior completo e 32,4% ensino superior incompleto.

A diversidade geracional é a característica mais marcante do público do Cineconcerto. A sua programação consegue atrair e ser interessante para todas as faixas etárias e é comum encontrar famílias inteiras assistindo ao espetáculo. Apesar dos/as respondentes dessa pesquisa se declararem majoritariamente negros/as, por meio da observação direta se identificou uma presença muito maior de pessoas brancas. E sabendo-se que, no Brasil, etnia e escolaridade estão relacionados, ressalto a necessidade de medidas que busquem atingir e incluir essa parcela significativa da população baiana na apreciação do espetáculo.

Quando questionados/as se o Cineconcerto foi o primeiro espetáculo da OSBA que o participante assistiu, a maioria deles/as respondeu que sim. E ao serem perguntados/as de que forma eles tiveram conhecimento desse espetáculo, 53,2% dos/as respondentes disseram que ficaram sabendo por meio de indicação de amigos/as ou familiares; 32,3% por meio das redes sociais da *web* e os/as demais respondentes assinalaram portais de notícias, televisão, rádio e *banner* da fachada do TCA. A partir do resultado indicado acima, podemos inferir por meio dos 53,2% dos/as respondentes que assinalaram a alternativa “amigos/as ou familiares”, que existe uma demonstração de afetividade ao desejar compartilhar de um momento prazeroso com os seus junto a OSBA. O modo como o Cineconcerto apresenta a música clássica vem conquistando o seu público ao ponto de o espectador divulgar e compartilhar o espetáculo nas suas redes sociais, seja elas físicas ou na *web*. Durante a pesquisa foi observada a repercussão do público no Instagram (Figura 2).

Na Figura 2, é possível evidenciar a participação recorrente de um sujeito no Cineconcerto. A divulgação de seu ingresso na página da OSBA e o símbolo de um coração na imagem possibilita interpretar que existe a intenção de demonstrar que esse sujeito possui um

afeto e sentimento pertencimento com a Orquestra. Assim, aponto que a dimensão estética defendida por Gomes (2014), na perspectiva da mediação da informação, tem sido alcançada nessa mediação cultural.

Já a Figura 3 demonstra a expectativa do participante em relação ao Cineconcerto ao escrever o seguinte comentário: “A semana nem começou direito e a gente só tá de olho no final de semana pra poder curtir com os amigos que gosto o Cineconcerto da @orquestrasinfonicadabahia”, que indica o prazer do sujeito de fazer parte do público que apreciará mais um espetáculo.

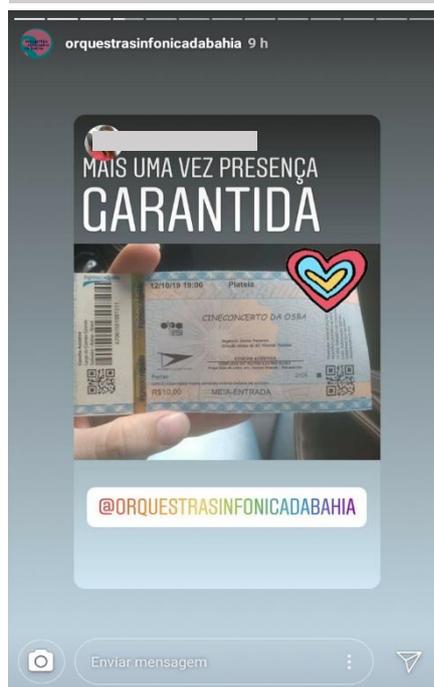
A Figura 3 possibilita ainda ratificar o sentimento de pertença dos sujeitos e o prazer de compartilhar com integrantes de sua rede social, amigos/as e familiares, a participação em mais uma edição do Cineconcerto. Portanto, observo que o Cineconcerto, ao se apresentar como um ambiente acolhedor em que os sujeitos podem demonstrar seus sentimentos, afetividades e também celebrar junto aos seus/suas amigos/as e familiares, propicia o livre pensar, a criatividade e a liberdade de expressão, favorecendo a apropriação da informação musical e dos dispositivos culturais presentes no espetáculo.

Figura 3: Postagem no Instagram da OSBA



Fonte: Orquestra Sinfônica da Bahia (2019).

Figura 2: Postagem no Instagram da OSBA



Fonte: Orquestra Sinfônica da Bahia (2019).

O questionário aplicado ao público do Cineconcerto evidenciou também que o maestro Carlos Prazeres atua como mediador cultural, ao buscar aproximar o público e dialogar de maneira compreensível com este. Entre os dados coletados, destacamos que 95,4% dos respondentes afirmaram que a maneira como o espetáculo é regido contribui para a aproximação do público com a Orquestra e 87% concordaram que o modo como o Cineconcerto é apresentado ampliou ou modificou a sua visão sobre a música clássica e o trabalho da OSBA, conforme a fala dos Respondentes A e B. Esses dados confirmam a afirmação anterior que o ambiente acolhedor do Cineconcerto favorece para apropriação da informação musical e dos

demais dispositivos culturais apresentados neste espetáculo.

A interação do maestro com o público além de nos fazer compreender melhor o espetáculo e o universo da música clássica, nos passa uma mensagem de acolhimento ao demonstrar essa preocupação em aproximar a música erudita daqueles que por razões socioculturais não costumam apreciá-la (Respondente A).

Conheci a OSBA no ano de 2004. Passei muitos anos sem ir à concertos porque não percebia uma afinidade da música erudita comigo, apesar de AMAR música e ter uma sensibilidade muito aflorada. Através dos projetos da OSBA, sob a regência do Carlos Prazeres, senti um estímulo a retomar as minhas idas aos concertos, em 2018. E não parei mais! Sentir a música clássica, compreendendo-a me tornou ainda mais apaixonada e entusiasta deste estilo (Respondente B).

Durante o Cineconcerto, existe um conjunto de dispositivos culturais que são mediados de maneira estratégica, envolvendo e convidando o público a (re)conhecer junto aos/às instrumentistas e ao maestro a relevância de tais dispositivos. A música clássica, produzida em determinado espaço sociocultural e tempo histórico, é o primeiro elemento a ser mediado, sua sonoridade e a maneira como é interpretada possuem e permitem a construção de sentidos por parte dos sujeitos. Informações sobre o compositor da obra musical, tais como: sua formação sociocultural, suas ideologias e crenças, o tempo histórico que pertencia, são algumas informações musicais que os sujeitos que participam do Cineconcerto têm acesso e podem ampliar sua formação enquanto sujeito cultural, que possui suas crenças e valores, mas também (re)conhece e dialoga com as demais manifestações culturais.

Outro dispositivo cultural é o instrumento musical – criado por um determinado profissional e utilizado de maneira singular por um/a instrumentista, estes apresentados durante o espetáculo – que em sua unidade integra um conjunto diverso de categorias, exercendo um papel melódico ou harmônico, com alturas, intensidades, durações e timbre próprios. Assim, esses são alguns dispositivos que compõem o espetáculo e são carregados de valores culturais que se relacionam ao saber de cada sujeito, ampliando suas percepções de mundo. A fala dos/as Respondentes C e D confirmam e evidenciam a apropriação da informação musical que é disseminada durante o espetáculo:

A regência e diálogos do maestro com o público nos aproxima do contexto em que as músicas foram criadas, nos ensinando e fazendo com que compreendamos melhor; não só a música, mas os compositores e a época em que foram feitas (Respondente C).

Foi muito interessante a interação com a plateia e a integração entre os músicos, as músicas apresentadas e o público que Carlos Prazeres fez ao conversar, introduzir e fazer os que ouviam entender o que eles estavam tocando. Deixou todo o programa bem animado e lindo de se apreciar. Com certeza irei mais vezes presenciar tamanho show de cultura! (Respondente D).

Além das informações sobre os dispositivos citados anteriormente e das fantasias, o Cineconcerto normalmente inclui em sua programação encenações de trechos de alguns filmes, apresentação de dança e participação especial de algum cantor, permitindo ao público rememorar, conhecer e realizar associações com obras cinematográficas e bibliográficas por meio de diversos estímulos visuais e sonoros, como relata a Respondente E.

Na verdade, o que acho incrível no Cineconcerto é que ele, de algum modo, mexe com minhas memórias afetivas. Talvez aconteça isso com a maior parte do público. Porque no repertório deles tem sempre a trilha de algum(uns) filme(s) que mexe(ram) com a nossa imaginação, os nossos sentimentos e nos fazem refletir. Por exemplo, quando ele toca a trilha de Harry Potter me faz lembrar da sessão de cinema que eu assisti do 1º filme da série e como me encantei por aquele mundo e fui atrás dos livros já publicados na época. Me faz lembrar daquela menininha sonhadora que era, sabe? (Respondente E).

Vale destacar que apenas 8,3% dos respondentes disseram ter domínio sobre os aspectos teóricos da música, o que me leva a refletir sobre a importância da mediação cultural realizada pelo maestro Carlos Prazeres no Cineconcerto. E essa relevância também é constatada quando 88% dos/as respondentes confirmaram que a interferência do maestro contribuiu para a compreensão do espetáculo e 85,2% deles disseram que gostam quando o maestro Carlos Prazeres dialoga com a plateia, como afirmam os/as Respondentes a seguir:

A forma como maestro se aproxima do seu público faz com que o espetáculo se torne algo mais dinâmico e instrutivo. Ao mesmo tempo que escuto o concerto também aprendo coisas sobre composição, sobre a obra que eles estão apresentando e me sinto parte do conjunto e consigo entender melhor a dinâmica da obra, o que é lindo já que não entendo nada de música, só sinto a melodia (Respondente F).

Acho linda a maneira como o maestro compartilha seus conhecimentos sobre música clássica sem soar pedante ou impertinente. As interações do maestro com a plateia são orgânicas e fazem eu me sentir parte do espetáculo, ao invés de ter a sensação de que eu ‘não deveria nem estar ali, linda’. O que é muito importante pra quem não se encontra num lugar de ~erudição~ (Respondente G).

Nas falas dos/as respondentes, percebo na regência de Carlos Prazeres que ele “cria a alma da música” conforme definido por Bozzini (1998). Podemos retomar a discussão anteriormente apresentada para enfatizar que a mediação da informação musical, como também a mediação cultural, durante o Cineconcerto, alcança de maneira evidente duas das dimensões defendidas por Henriette Gomes (2014): as dimensões dialógica e a estética, pois tanto a interação e a comunicação entre os sujeitos são realizadas e fortalecidas quanto o sentimento de prazer e de pertencimento. A informação, quando apropriada, passa a fazer sentido para o/a

ouvinte, o sentimento de pertencer àquele espaço se consolida, possibilitando novas interações com ele.

Com o intuito de identificar se o Cineconcerto motivou o sujeito a frequentar outros espetáculos da OSBA, destacamos as falas dos Respondentes H e I:

O Cineconcerto foi a porta de entrada para os demais espetáculos da OSBA. Tanto neste projeto quanto nas outras apresentações, as informações passadas pelo Maestro Carlos Prazeres contribuem bastante para aguçar a curiosidade sobre as músicas executadas e seus compositores (Respondente H).

A partir da fala do Respondente H, foi evidenciado que o Cineconcerto favorece o acesso a novas informações e permite que o sujeito tenha um olhar consciente sobre suas necessidades informacionais e sua relação com a informação, evidenciando que existe uma alteração no comportamento informacional dos/as participantes a partir da atuação do/a agente mediador/a, neste caso, o maestro. Destaco que, tanto na fala do Respondente H quanto do Respondente I, para além das informações que os sujeitos têm acesso no Cineconcerto, a mediação do maestro também auxilia a participação em eventos, ambientes e o uso de outros dispositivos de informação musical, pois o sujeito passa a identificar suas necessidades e a partir dessa compreensão busca novos repertórios informacionais.

Depois do Cineconcerto passei a ir aos outros concertos da OSBA, ato que antes não fazia. Virou um dos meus programas favoritos. Tenho notado também que passei a ouvir música clássica em casa, especialmente para tentar lembrar as músicas que ouvi nos concertos. (Respondente I).

Além do Respondente I, que citou ter passado a ouvir música clássica em casa, 67,6% dos/as respondentes afirmaram que já buscaram assistir, ler ou pesquisar algo sobre as obras apresentadas no Cineconcerto. Esse dado indica que, ao participar do concerto, o sujeito se apropria da informação ao mesmo tempo que gera conflitos e novas necessidades informacionais, conforme defendido por Oswaldo Almeida Júnior (2015).

A partir dos dados analisados, constato que o maestro Carlos Prazeres atua de maneira consciente tanto enquanto agente de mediação da informação musical, quanto na mediação cultural realizada durante o espetáculo Cineconcerto e tem contribuído para despertar o gosto do público pela música clássica e os aproximar da Orquestra.

4.3 POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO/A BIBLIOTECÁRIO/A NO PROCESSO DE PROMOÇÃO E AMPLIAÇÃO DAS AÇÕES REALIZADAS PELO MAESTRO CARLOS PRAZERES

O processo dialógico, o ambiente acolhedor e a interação com o contexto sociocultural são os pilares para que ocorra uma mediação efetivamente consciente e transformadora (GOMES, 2014; ALMEIDA JÚNIOR, 2015). Os dados obtidos e expostos nessa pesquisa revelam que o Cineconcerto trabalha com todos esses pilares e que o maestro Carlos Prazeres é um agente mediador da cultura e da informação musical e suas ações foram e são importantes para despertar no público o gosto e prazer pela música clássica.

A pesquisa revela também que o âmbito cultural é um campo propício para a atuação do(a) bibliotecário(a), pois possuímos conhecimentos teóricos e práticos que contribuiriam no processo de pesquisa, construção e disseminação das atividades da OSBA. Como profissionais da área da Biblioteconomia, podemos fornecer ao maestro, por exemplo, informações referentes a história e curiosidades sobre determinado compositor, peça musical e obra cinematográfica escolhida para o Cineconcerto, subsidiando assim o seu roteiro de apresentação. Também podemos trabalhar junto com a equipe de Comunicação, colaborando na produção de conteúdo para os panfletos e publicações nas redes sociais da Orquestra.

Além disso, o/a bibliotecário/a do âmbito cultural, após identificar as equipes e as etapas que envolvem a pré e a pós produção musical, pode trabalhar no gerenciamento do fluxo informacional da instituição, o que significa coletar, analisar, distribuir e mediar informações relevantes para a realização do espetáculo e armazenar informações de interesse da instituição. Sabendo-se da visão democrática da OSBA, o/a bibliotecário/a pode ampliar as atividades de formação de público pesquisando e identificando espaços e artistas em comunidades periféricas, a fim de construir novos roteiros e parcerias de apresentação para as cameratas da Orquestra. A pesquisa com o público, bem como, dos acontecimentos e eventos da cidade também são atividades que podem ser realizadas por um/a bibliotecário/a e que podem contribuir para as tomadas de decisão do maestro Carlos Prazeres e de toda a equipe.

Apesar da dimensão sonora da música ser pouco explorada na Biblioteconomia, ela é uma das expressões artísticas que dissemina informações e é uma arte muito significativa na nossa cultura e sendo nós, profissionais da informação preocupados com o desenvolvimento e transformação social, é importante reconhecermos e considerarmos a mediação da informação além das paredes da biblioteca e além do objeto livro.

Encerro esse capítulo com o depoimento da Respondente J, que sintetiza todos os pontos que aqui foram discutidos e evidencia a importância e o efeito transformador da mediação:

O Cineconcerto foi a ideia mais genial que existiu de aproximar o público para um estilo, cultura e percepção diferente. [...] Acredito que saímos do concerto com o coração na mão, ansiosos para saber mais sobre e para estar nos próximos levando uma cambada de gente junto. E justamente esta expectativa criada faz a Orquestra observar as necessidades e desejos do seu público, oferecendo não somente aquilo que nos agrada ou os agrada, mas uma mistura, um arranjo, que é realizado de forma perfeita. Através do Cineconcerto, por exemplo, que eu fui a outros espetáculos da OSBA em salas principais, que gerou esse interesse. E tenho certeza absoluta que não fui a única. A influência do maestro Carlos Prazeres só ajuda nessa dinâmica. A via de mão dupla que possuímos e esse aspecto de ‘intimidade’ que ele nos transmite, faz-nos sentirnos confortáveis, a vontade para experimentar o espetáculo antes, durante e até depois. O diálogo, a explicação, a conexão é única e é proporcionado de forma majestosa por ele. Tal como explicações acerca dos instrumentos utilizados pra fazer a orquestra funcionar. Muitas crianças, jovens, adultos e idosos são gratos. Não tenho dúvidas (Respondente J).

Sendo assim, os resultados desta pesquisa nos apontam que a regência do maestro Carlos Prazeres, no espetáculo Cineconcerto da Orquestra Sinfônica da Bahia, tem garantido o processo de mediação cultural e contribuído para a disseminação da informação musical e aproximação do público. Destaco ainda, que a atuação do/a bibliotecário/a poderá aprimorar o processo de produção e promoção das ações realizadas pelo maestro, contribuindo assim para que mais pessoas se apropriem dos bens culturais da nossa cidade que são nossos por direito.

Capítulo 5
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nadar contra a maré do tradicionalismo e apresentar novas práticas de relacionar sujeitos e bens culturais pode não ser uma tarefa fácil, principalmente em uma sociedade em que as estruturas preconceituosas ainda vigoram e determinam quem pode ter acesso ao quê. A mediação cultural e da informação são práticas que atuam na perspectiva de democratizar o conhecimento e aproximar os sujeitos dos seus bens culturais, possibilitando assim a apropriação e o protagonismo do sujeito com o meio em que pertence.

Ao atuar na perspectiva da mediação cultural e da informação o agente mediador realiza sua prática com base na observação dos acontecimentos constantes da sociedade e no diálogo com os sujeitos pertencentes aos espaços sociais, o que demanda frequentemente novos dispositivos que subsidiem a realização eficiente de suas práticas sociais, ancoradas na informação contextualizada à sua realidade. Os/As mediadores/as ao agirem de maneira crítica poderão alcançar o protagonismo social, transformando a si e aos demais sujeitos, desenvolvendo e estimulando uma atuação crítica, questionando padrões e provocando mudanças internas e externas.

A OSBA é um bom exemplo do que ocorre quando os agentes culturais estão conscientes da realidade que os cerca e comprometidos com a sua função social perante a sua comunidade. A realização de espetáculos dinâmicos, didáticos e interativos com o seu público, como é o caso do Cineconcerto, distancia a imagem intocável e restrita que tradicionalmente circunda uma orquestra sinfônica e apresenta uma nova maneira de pensar, curtir e se apropriar da música de concerto, mostrando que ela pode e deve ser acessível para todos.

A partir do objetivo proposto nesta pesquisa, os resultados evidenciaram que a mediação cultural na regência do maestro Carlos Prazeres foi e continua sendo importante para despertar o gosto e o interesse do público pela música clássica e na construção de um vínculo com a Orquestra, que atualmente vê seus espetáculos lotados e espectadores cada vez mais fiéis a sua programação. Também foi possível evidenciar um processo de acesso à informação que possibilita a formação de um público consciente dos aspectos musicais, a exemplo da apresentação dos instrumentos musicais, gêneros musicais, contextualização da obra, a biografia dos compositores etc., que além do valor informacional, esses aspectos são carregados de valor cultural.

Sendo assim, fica constatado que o campo cultural é um terreno fértil para atuação do/a bibliotecário/a, pois possuímos conhecimentos teóricos e práticos de metodologias que subsidiariam o planejamento dos espetáculos da OSBA, potencializando assim a mediação cultural já realizada pelo maestro Carlos Prazeres e possibilitando ainda mais transformações positivas na sociedade por meio da informação e da arte.

Portanto, a regência do maestro Carlos Prazeres tem garantido o processo de mediação cultural e de disseminação da informação musical. Contudo, sugiro a inclusão de um/a bibliotecário/a para subsidiar as ações realizadas pelo maestro que poderá subsidiar o processo de acesso e apropriação da informação, tanto da equipe da Orquestra quanto do público.

Devido às pouquíssimas referências encontradas no que tange à relevância da manifestação sonora e cultural da música no âmbito da Biblioteconomia, espero que esse estudo desperte e estimule estudantes e profissionais da área da Ciência da Informação para criar outros debates e pesquisas sobre a informação musical além da sua expressão documental. Reforço a importância da multi e interdisciplinaridade da nossa área ser colocada em prática, o que significa considerarmos outros campos e modos de atuação que não seja necessariamente o tratamento de um acervo bibliográfico. Em tempos de ataques à educação e do desmonte da cultura, é importante uma postura criativa do/a bibliotecário/a para promover ações que dialoguem com a sua comunidade e possibilitem a transformação social, fazendo jus ao cunho humanista da profissão que juramos defender.

Dado o contexto de isolamento social causado pela pandemia da Covid-19, aglomerações estão proibidas a fim de controlarmos o avanço dessa terrível doença. Por esse motivo, desde março de 2020, a OSBA vem realizando suas atividades virtualmente por meio do projeto #OSBAflix, uma programação online com diversas transmissões ao vivo no perfil do Instagram e Youtube da Orquestra. Além de reformularem alguns projetos de extensão como o Café com as Cameratas e o Cineclube OSBA, durante esse período, a Orquestra criou a Academia Virtual de Música, um projeto na qual musicistas do Brasil inteiro puderam estudar e tocar seus instrumentos com alguns músicos e musicistas da Orquestra.

Como uma maneira de amenizar a saudade dos encontros presenciais, ao encerrar o texto em tela, acrescentei algumas imagens referentes ao Cineconcerto no Anexo A. Estamos vivendo um período muito difícil, mas vai passar, então se cuide e até o próximo concerto!

REFERÊNCIAS

- A ARTE da música: a linguagem musical, sua história, uma orquestra sinfônica, os instrumentos. São Paulo: Victor Civita, 1968.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J. (org.). *Mediação oral da informação e da leitura*. Londrina: Abecin, 2015. p. 9-32.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; SANTOS NETO, J. A. Mediação da informação e a organização do conhecimento: interrelações. *Informação & Informação*, Londrina, v. 19, n. 2, p. 98-116, maio/ago. 2014.
- ARAÚJO, C. A. A. Mediação como conceito potencializador do diálogo entre a Ciência da Informação e os campos da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.eventosecongressos.com.br/metodo/enancib2012/arearestrita/pdfs/19256.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2019.
- ALVES, M. *Como escrever teses e monografias*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- BICHERI, A. L. A. O. *A mediação do bibliotecário na pesquisa escolar face a crescente virtualização da informação*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bicheri_alao_me_mar.pdf. Acesso em: 5 fev. 2020.
- BOZZINI, A. A técnica do maestro I. *Revista Weril*, [São Paulo], n. 120, p. 9-11, 1998.
- COELHO, J. T. *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- CREPALDE, N. J. B. F. A racionalização das práticas musicais: a regência de orquestra. *Revista Brasileira de Sociologia*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 195-220, jan./abr. 2017.
- DAMATTA, R. Você tem cultura? *Jornal da Embratel*, Rio de Janeiro, p. [1-4], 1981.
- DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? *Prisma.com*, Porto, n. 4, p. 4-27, 2007.
- DUARTE, L. F. Comentários. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (org.). *Mediação, cultura a política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p. 127-136.
- GIL, C. A. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2016.

GOMES, H. F. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. *Informação & Informação*, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46-59, maio/ago. 2014.

LEIVA, J.; MEIRELLES, R. (org.). *Cultura nas capitais: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte*. Rio de Janeiro: 17Street, 2018.

LIMA, C. de B.; PERROTTI, E. O Bibliotecário como mediador cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. *Anais [...]*. Marília: UNESP, 2017. p. 1-20.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, A. M. L. *Mediação: reflexões no campo da Ciência da Informação*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MELLO, L. G. Antropologia cultural, objeto e método. In: MELLO, L. G. *Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982. p. 34-77.

MEY, E. S. A.; SILVEIRA, N. C. O processo comunicativo. In: MEY, E. S. A.; SILVEIRA, N. C. *Catálogo no plural*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009. p. 3-6.

ORQUESTRA SINFÔNICA DA BAHIA – OSBA. *História*. Salvador, [2019]. Disponível em: <https://www.osba.art.br/historia>. Acesso em: 14 ago. 2019.

PERROTTI, E. Mediação cultural: alguns procedimentos. In: SALCEDO, D. A. *Mediação Cultural*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

PERROTTI, E. Sobre informação e protagonismo cultural. In: GOMES, H. F.; NOVO, H. F. (org.). *Informação e protagonismo social*. Salvador: EDUFBA, 2017. Cap. 2.

RANGANATHAN, S. R. *As cinco leis da biblioteconomia*. Brasília, DF: Briquet de Lemos 2009.

RÜDIGER, F. *As teorias da comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SANTOS, V.; CANDELORO, R. J. *Trabalhos acadêmicos: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas*. Porto Alegre: AGE, 2006.

SANTOS NETO, J. A. *Mediação implícita da informação no discurso dos bibliotecários da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina (UEL)*. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. A disciplina mediação da informação nos currículos de arquivologia, biblioteconomia e museologia no Brasil. *REBECIN*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 3-23, jan./jun. 2016.

SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. O caráter implícito da mediação da informação. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 27, n. 2, p. 253-263, maio/ago. 2017.

SOUSA, A. C. M. *Diagnóstico: peça fundamental para organização do arquivo da Orquestra Sinfônica da Paraíba*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

TEATRO CASTRO ALVES – TCA. *Osba: história*. Salvador, [2019]. Disponível em: <http://www.tca.ba.gov.br/osba/histo>. Acesso em: 14 ago. 2019.

TOFFOLO, R. Qual a importância do maestro?. *Orquestra Ouro Preto*, Ouro Preto, 2016. Disponível em: <http://www.orquestraouropreto.com.br/site/qual-a-importancia-do-maestro/>. Acesso em: 2 abr. 2020.

APÊNDICE A – Questionário

Questionário aplicado junto ao público do Cineconcerto entre os dias 12 e 19 de outubro de 2019.

1 – Com qual gênero você se identifica?

- Feminino
- Masculino
- Outro

2 – Quantos anos você tem?

- Até 18 anos
- 19-30
- 31-40
- 41-50
- 51-60
- Mais de 60 anos

3 – Como você se autodeclara?

- Negro(a)
- Pardo(a)
- Indígena
- Amarelo(a)
- Branco(a)

4 – Qual é o seu nível de escolaridade?

- Fundamental incompleto
- Fundamental completo
- Médio incompleto
- Médio completo
- Técnico incompleto
- Técnico completo
- Superior incompleto
- Superior completo

5 – Você é músico ou musicista?

- Sim
- Não

6 – Você tem domínio dos aspectos teóricos da música?

- Sim
- Não
- Mais ou menos

7 – O Cineconcerto foi o primeiro espetáculo da OSBA que você assistiu?

- Sim
- Não

8 – Se sim, como você ficou sabendo deste espetáculo?

- Amigos ou familiares
- Internet (redes sociais)
- Internet (site de notícias)
- Mídia impressa (jornal/revista)
- Televisão
- Rádio
- Banner* da fachada do Teatro Castro Alves

9 – Você gosta quando o maestro Carlos Prazeres dialoga com a plateia?

- Sim
- Não
- Às vezes

10 – A interferência do maestro contribui para a sua compreensão do espetáculo?

- Sim
- Não
- Às vezes

11 – Você acha que a maneira que o espetáculo é regido contribui para a aproximação do público com a orquestra?

- Sim
- Não
- Talvez

12 – Você já assistiu, leu ou pesquisou sobre alguma das obras apresentada no Cineconcerto por influência do espetáculo?

- Sim
- Não

13 – O modo como o Cineconcerto é apresentado ampliou ou modificou a sua visão sobre a música clássica e o trabalho da Orquestra?

- Sim
- Não
- Indiferente

14 – Se quiser, deixe algum comentário adicional sobre suas impressões do Cineconcerto e a regência do maestro Carlos Prazeres.

ANEXO A – Galeria Cineconcerto

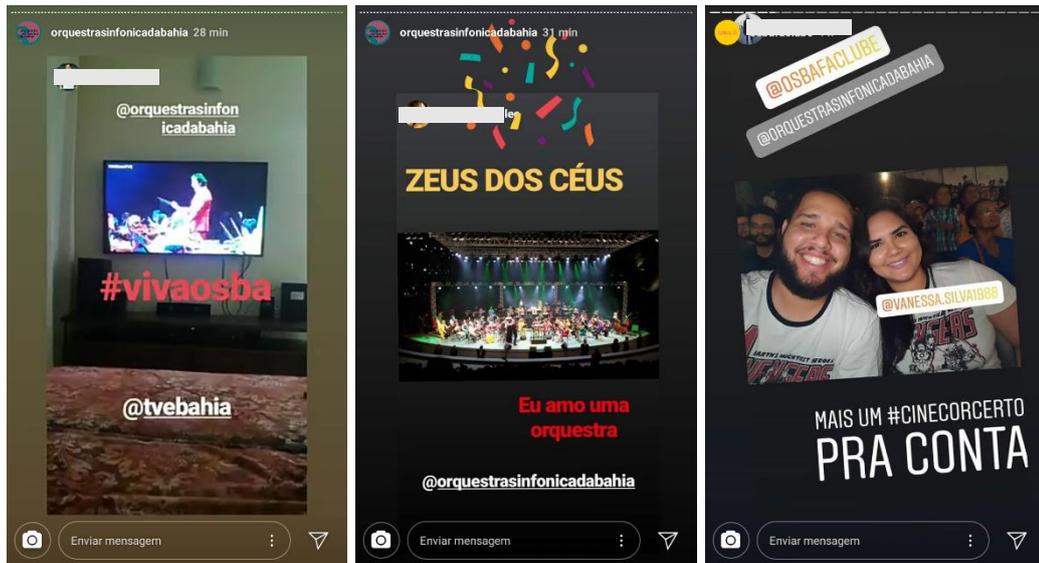
Pré-Cineconcerto²

² Fonte: Instagram da Orquestra Sinfônica da Bahia (2019); Instagram do Fã Clube da OSBA (2019).

Bastidores e o Cineconcerto³

³ Fotógrafo: Rafael Martins (2019).

Pós-Cineconcerto⁴



Bastidores do Cineconcerto⁵



⁴ Fonte: Instagram da Orquestra Sinfônica da Bahia (2019); Instagram do Fã Clube da OSBA (2019).

⁵ Fotógrafa: Taylla de Paula (2018).

Star Wars e o Conselho Jedi Bahia⁶



Maestro⁷



⁶ Fotógrafa: Taylla de Paula (2018).

⁷ Fotógrafa: Taylla de Paula (2018).

“Público crush”⁸

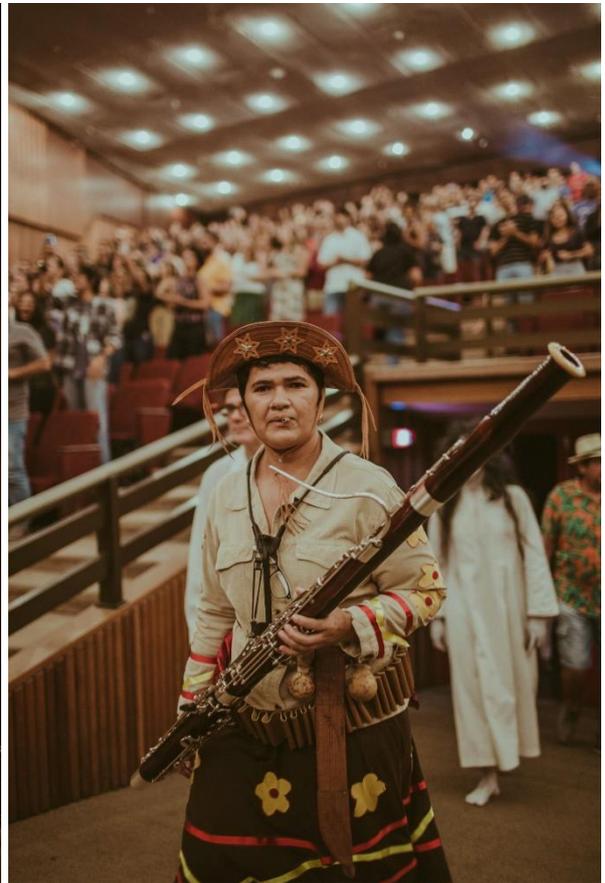


Meu grupo de Tietes da OSBA⁹



⁸ Fotógrafa: Taylla de Paula (2018).

⁹ Acervo pessoal (2017).

Cineconcerto na Sala Principal do Teatro Castro Alves¹⁰

¹⁰ Fotógrafa: Taylla de Paula (2018).